

EDUCAÇÃO, FEMINISMO E MARXISMO: POR UMA PRÁXIS PEDAGÓGICA ANTICAPITALISTA

Cybely Ribeiro de Oliveira ¹
Karla Raphaella Costa pereira ²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir uma práxis educativa que vise compreenda que a definitiva superação do patriarcado precisa estar articulada com a superação do sistema capitalista. Como desdobramento desse objetivo, apresenta a educação de maneira geral e a práxis pedagógica, de modo restrito, como mediação para tal. É uma pesquisa bibliográfica de construção categorial que visa articular quatro categorias fundamentais: educação, marxismo, feminismo e práxis pedagógica. o resultado que apresenta é parcial e parte dos estudos iniciais de trabalho monográfico onde é parte concluída de um estudo maior sobre o tema. Tem como suporte teórico-metodológico o marxismo e, como método, o materialismo histórico. Através desse estudo inicial, é possível afirmar que o feminismo se faz necessário, já que possibilita pensar o mundo através das experiências e necessidades das mulheres, mas que a articulação com o marxismo é indispensável, pois ele dirige o descontentamento feminino para a única possibilidade real de destruição do patriarcado, a superação do capitalismo, evitando que vertentes do feminismo que se aliam ao capital conquistem a militância de mulheres bem intencionadas.

Palavras-chave: Educação, Marxismo, Feminismo, Práxis Pedagógica.

INTRODUÇÃO

O Brasil atual se insere num contexto internacional de avanço da extrema-direita. Sendo um país de capitalismo dependente, não é de se estranhar que economicamente a política tenda a uma subserviência ao capital internacional e ao imperialismo estadunidense. Do ponto de vista econômico, a entrega do país ao capital estrangeiro e a iniciativa privada por meio de privatização dos órgãos e serviços públicos deixa a população à mercê da miséria, da fome, da queda do poder de compra e do aumento do desemprego.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, cybely.ribeiro@aluno.uece.br;

² Doutoranda pelo Curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará - UECE, karla_raphaella@hotmail.com.

Essa situação responde a necessidade do sistema capitalista de aprofundamento da exploração para sanar mais uma de suas crises. A crise atual se aprofunda, desde 2008, e parece ser interminável. Mészáros (2013) explica que, apesar das históricas crises cíclicas, o capital vive uma crise que ele chama de estrutural, devido a cisão irremediável entre capital e trabalho. Longe de objetivar discutir neste artigo sobre a natureza das crises cíclicas, a argumentação do autor sobre a incompatibilidade entre capital e trabalho é fundamental para entender o que se objetiva discutir aqui: o papel de uma educação feminista de base marxista para uma luta anticapitalista.

O presente artigo, portanto, se justifica da necessidade de compreender o papel da luta das mulheres no atual contexto político mundial, bem como apresentar uma proposta de ação, pela via da educação, para a construção de uma alternativa que vise a transformação do mundo, tendo em vista que a superação do patriarcado, do racismo, da LGBTfobia, da destruição da natureza não são possíveis no interior da ordem capitalista, tendo em vista que o capital precisa dessas estruturas para manter seu padrão de produção de mercadorias, extração da mais-valia e geração de lucro.

Para emancipar todos os seres humanos, é preciso emancipar o trabalho do jugo do capital. Nesse sentido, o presente texto tem como objetivo geral discutir a importância da relação entre marxismo, feminismo e educação, com vistas a elaborar alguns elementos de práxis pedagógica no sentido de se contrapor às opressões capitalistas.

Segundo Garcia (2015), o termo feminismo foi primeiro empregado nos Estados Unidos, em 1911, em substituição a expressões como movimento de mulheres e problemas de mulheres usados no século XIX. Numa análise mais contemporânea, a autora define o feminismo como uma tomada de consciência do coletivo de mulheres sobre a opressão, exploração e dominação de que foram vítimas ao longo das diversas manifestações históricas do patriarcado. Vale a pena definir, nessa introdução, mesmo que por meio de uma citação longa, o que é o patriarcado, tendo em vista que esse conceito aparecerá bastante na argumentação que segue.

Segundo Reguant *apud* Garcia (2015, p. 16-17), o patriarcado é uma

Forma de organização política, econômica, religiosa, social, baseada na ideia de autoridade e liderança do homem, no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres; do marido sobre as esposas, do pai sobre a mãe, dos velhos sobre os jovens, e da linhagem paterna sobre a materna. O patriarcado surgiu da tomada de poder histórico por parte dos homens que se apropriaram da sexualidade e reprodução das mulheres e seus

produtos: os filhos, criando ao mesmo tempo uma ordem simbólica por meio dos mitos e da religião que o perpetuam como a única estrutura possível.

De caráter bibliográfico, o texto que segue discute a necessidade de uma práxis educativa que vise a superação definitiva do patriarcado, portanto, argumenta que ela precisa estar articulada com a possibilidade de superação do sistema capitalista, já que este precisa daquele para existir. O desenvolvimento procura dar conta da fundamentação desse argumento e o resultado apresenta os elementos de práxis que podem ser apontados como resultado parcial da pesquisa bibliográfica.

METODOLOGIA

Este artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica inicial para trabalho monográfico de conclusão de curso de Pedagogia. A pesquisa bibliográfica foi realizada com base na elaboração das categorias iniciais de pesquisa, a saber: educação, práxis pedagógica feminismo, marxismo. A categorização é uma metodologia que, com base no materialismo histórico, compreende que elas são formas de ser na consciência, ou seja, elas existem na realidade objetiva, por isso cabe ao pesquisador elaborá-las como categorias de pensamento, para compreender sua origem, natureza e função social.

As categorias foram criadas pela identificação do marxismo como a teoria que possibilita a compreensão da relação concreta entre a opressão da mulher e o capitalismo, a partir do conceito de reprodução social que compreende o papel da subjugação do trabalho doméstico realizado pelas mulheres e do controle reprodutivo a que foram submetidas historicamente como um elemento de fundamental importância para que a extração da mais-valia da força de trabalho. É o trabalho feminino que produz e reproduz a força de trabalho.

A categoria feminismo é aqui desenvolvida por ser compreendida nos termos apresentados na introdução como uma tomada de consciência por parte das mulheres de sua opressão e necessidade de superação das estruturas que a produzem, apesar de, historicamente, a relação entre o feminismo e o marxismo, não ter sido tranquila, no que tange à história do movimento operário.

A educação e a práxis pedagógica são entendidas nos termos do marxismo como possibilidade de mediação para a tomada de consciência das relações reais entre as estruturas capitalistas de opressão: patriarcado, racismo, LGBTfobia, machismo, sexismo, preconceitos contra as pessoas com deficiência etc. É preciso entender que há um tipo de ser humano biológico e socialmente formado que interessa à sociedade capitalista. É aquele ser humano que, em alguma esfera econômica, colabora para a produção e acumulação privada de lucro, portanto, nas esferas mais amplas da sociedade a práxis deve ser revolucionária.

O feminismo, a luta das mulheres contra a opressão precisa ser entendida e precisa construir uma práxis que vise a emancipação, superando as vertentes que se aliam ao capitalismo e a sua política neoliberal para alienar as mulheres em troca de conquistas parciais nos limites do próprio capitalismo.

DESENVOLVIMENTO

1 Feminismo e Marxismo: A necessidade da Reconciliação.

O Feminismo como movimento social e político é bastante diversificado; diante disso, permite variadas interpretações nas quais algumas são ilusórias no que diz respeito à possibilidade de emancipação real, vez que não passam de uma adequação ao capitalismo, consequentemente, contribuem com o fortalecimento do atual *status quo* no interior de um projeto de sociedade baseado na exploração da classe trabalhadora. Um feminismo transformador precisa compreender que o capitalismo não é a solução, mas a crise.

Trabalhar com a perspectiva marxista no interior do movimento feminista se faz urgente e necessário para travar debates teóricos e elaborar ações concretas como ferramentas e meios de superação de um sistema falido e explorador como o capitalismo, visando, de fato, a emancipação de uma classe que historicamente é oprimida e por uma luta dialogada com a educação com a finalidade de pôr fim à propriedade privada e às relações patriarcais, racistas, machistas apropriadas para a intensificação do capitalismo, aumentando a produção de mais-valia através da intensificação da exploração dessa camada oprimida da sociedade.

Com isso, é importante entender que o capitalismo se apropriou do patriarcado, que já existia antes dele, para subjugar o trabalho feminino de produção e reprodução de pessoas a

sua lógica de exploração, visando a produção de lucro. O patriarcado, junto ao capitalismo, amplia a exploração de gênero e ganha, em relação ao sistema econômico, uma autonomia que o faz funcionar autonomamente nas diversas relações sociais.

A definição do patriarcado apresentada por Hartmann procura, através de sua historicização, escapar da armadilha de fazer dele uma estrutura universal e invariável. Para ela, não é possível, então, falar de um patriarcado em estado puro, pois suas bases materiais estão sempre ancoradas em modos de produção determinados que modificam seu caráter e sua natureza. Assim, deve-se falar de patriarcado escravagista, de patriarcado feudal, de patriarcado capitalista, etc. (ARRUZA, 2010, p. 161).

A citação acima deixa claro que a relação entre capitalismo e sistema econômico não pode ser pensada de modo dissociado, ou seja, o patriarcado teve, em suas diversas manifestações históricas, uma função social que possui, em sua essência, o objetivo de subjugar a mulher nas relações sociais desenvolvidas. Por exemplo, o poder patriarcal, no Feudalismo, foi fundamental para o estabelecimento das alianças entre reinos, entre senhores feudais, na manutenção e divisão de propriedades e alianças através do casamento forçado de mulheres da nobreza.

Ou seja, um projeto de educação que pautar o feminismo precisa pautar também o fim do sistema capitalista, já que o patriarcado é intrínseco ao sistema vigente no qual suas próprias leis o desenvolve propagando seu programa de alienação e subordinação das classes trabalhadoras.

As questões da composição de classe e da relação entre capitalismo e opressão das mulheres deveriam, na verdade, ser tratadas por uma abordagem que não procure reduzir a complexidade dos problemas ou reorganizá-los segundo uma hierarquia das opressões ou das determinações. (ARRUZA, 2010, p. 168).

Observe-se que, após identificar que o capitalismo faz uso do patriarcado, conseqüentemente de todas as opressões que ele gera, para se manter no poder e que a população se torna vítima concreta dele, não se pode mais, de forma equivocada, dizer que o marxismo invisibiliza as opressões referentes às mulheres como justificativa de não ter o mesmo como base para superar os sistemas de opressões.

Um projeto político que vise a criação de um novo movimento operário não pode deixar de se indagar sobre o modo como gênero e raça exercem uma influência sobre a composição social da força de trabalho e sobre sua subjetivação política enquanto classe. Esta necessita superar a questão da “opressão primeira” que dividiu movimentos feministas e movimento operário nas últimas décadas. O que é interessante não é tanto saber se a contradição entre capital e trabalho é mais importante ou mais “primeira” que a

opressão das mulheres, e sim compreender a maneira como ambas se encontram hoje inteiramente imbricadas nas relações de produção capitalistas e no conjunto das relações de poder do capitalismo, o que dá lugar a uma realidade complexa. Será preciso, como nos recomenda Nancy Fraser, em vez de querer negá-la, criar um paradigma anal capaz de apreender o conjunto dessa complexidade. (ARRUZA, 2010, p. 169).

Percebendo assim a interação desses dois elementos, a união do feminismo e do marxismo pode ser o desvendar para ajudar na superação e na autonomia de uma nova sociedade que tem como visão a emancipação humana, através da luta de classes, visto que a desunião dessas duas teorias pode agravar ainda mais as opressões relacionadas às mulheres dentro de um corpo social que historicamente as oprime.

2 Limites de uma educação feminista no capitalismo brasileiro contemporâneo

Há um avanço significativo da extrema direita internacionalmente. No Brasil, esse retrocesso se deu com a vitória fraudada³ de Jair Bolsonaro, nas eleições de 2018, impactando diretamente setores mais democráticos da sociedade, refletindo, sobretudo, na educação. Ataques frequentes a essa esfera, fruto de uma organização reacionária que visa reprimir ainda mais a classe trabalhadora, que permanece na defensiva para continuar segurando os direitos conquistados historicamente, têm retirado direitos historicamente conquistados através das reivindicações da própria classe.

Diante desse quadro de retrocesso em massa, torna-se urgente a necessidade de pautar uma educação feminista em um sistema tão obsoleto como o capitalismo, uma vez que, desde o início desse governo, junto com os meios de comunicação, há um exposição mentirosa do que vem sendo realizado nas universidades onde intitularam balbúrdia todo o ensino, pesquisa e extensão que são realizados dentro das instituições federais e estaduais.

Abaixo essas mentiras! Abaixo os mentirosos que falam de liberdade e igualdade para todos enquanto existe um sexo oprimido, enquanto existam classes opressoras, enquanto existe a propriedade privada do capital, enquanto existe gente rica que utiliza seus excedentes de cereais para escravizar o morto de fome! (TROTSKI, 2015, p. 14).

³ Jair Bolsonaro não ganhava em nenhuma pesquisa de intenções de voto em que Luís Inácio Lula da Silva fosse candidato ao pleito de 2018. Lula foi julgado, condenado e preso através de um processo judicial fraudulento e manipulado enviesado pelos interesses políticos, como já foi demonstrado pela série de reportagens do jornalismo investigativo do *The Intercept Brasil*.

O avanço da extrema direita não permite que haja progressos de emancipação na educação brasileira, uma vez que seus principais alvos são as mulheres, os negros e as negras, os LGBTQI+. Tornando ainda desafiador discutir uma educação transformadora e feminista, devido aos inúmeros retrocessos que foram impostos para a sociedade nos últimos anos.

O feminismo que vislumbramos tem como objetivo atacar as raízes capitalistas da barbárie metastáticas. Recusando-se sacrificar o bem-estar da maioria a fim de proteger a liberdade da minoria, ele luta pelas necessidades e pelos direitos da maioria - das mulheres pobres e da classe trabalhadora. (ARRUZA, BHATTACHARYA E FRASER, 2019, p. 41).

A educação ainda é uma das saídas para mostrar o quanto o capitalismo, no Brasil, apresenta-se com uma face cruel e desumana, proibindo o pensamento crítico da população e além de tudo, dando falsas soluções para os problemas sociais, como a legalização do porte de armas como forma de solucionar a violência, ao mesmo tempo em que referenda o genocídio da população preta e pobre nas comunidades mais pobres do país. É preciso pensar em uma educação anticapitalista juntamente com a classe trabalhadora para a construção de mudanças reais nas estruturas patriarcais das quais o sistema capitalista se apropria para o fortalecimento de uma classe dominante, a burguesia.

Portanto, a estratégia da luta antimachista e antirracista se orienta pelo combate às opressões juntamente com o enfrentamento ao capitalismo. Esse sistema de dominação, exploração e exclusão, vem ganhando forças no atual governo, uma vez que, é cada vez mais natural cortes na educação, que distanciam ainda mais os filhos da classe dos espaços ditos privilegiados, como por exemplo, o cancelamento do edital de vagas ociosas promovido pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, oferecido para um grupo que foi admitido como inimigo desse governo: pessoas trans e não-binárias. Ou quando propõe pacotes anticrimes, ou melhor, antipovo negro e pobre, que fortalece ainda mais uma sociedade que estruturalmente é conservadora, racista, machista e LGBTfóbica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por uma educação feminista nos marcos do marxismo

A educação é um complexo social que possui duas dimensões articuladas. Se por um lado ela é o processo de transmitir aos novos membros da espécie a humanidade que foi produzida pela humanidade em sua história, por outro, ela, em cada momento histórico, ocorre de uma maneira diferente e se relaciona com a totalidade social que é o momento predominante da reprodução da sociedade⁴.

Assim, quando se pensa em práxis pedagógica, é preciso situar a concreticidade dessa categoria que só se realiza em uma situação real. Nesse sentido, aqui se trata do trabalho do professor na escola brasileira contemporânea imersa na conjuntura apresentada no desenvolvimento acima. Trata-se do professor que atua na escola (a escola pública é o lócus fundamental desse processo) brasileira sob um contexto de retirada de direitos dos trabalhadores, avanço da pobreza e desmonte da educação e que, além disso, lida com o avanço do conservadorismo, do fundamentalismo religioso e da profusão de ideais fascistas no que tange à desumanização de setores oprimidos da sociedade brasileira.

Tomar a escola e a prática do professor não é olvidar que a educação feminista de base marxista defendida aqui não possa ocorrer em espaços não formais de educação, ao contrário, as organizações estudantis, sindicais, coletivos e demais espaços de militância organizados nos locais de trabalho, de estudo e moradia podem ser privilegiados na busca por um feminismo radicalmente anticapitalista. Essa práxis é também pedagógica, mas no sentido mais amplo explicado acima.

Em primeiro lugar, vale ressaltar que, do ponto de vista da legislação, as bases pedagógicas brasileiras destacam a importância de uma formação que combata as opressões. Isso pode ser visualizado na Base Nacional Comum Curricular e, antes dela, nas Diretrizes, nos Referenciais, Parâmetros e Orientações Curriculares Nacionais. Na prática, como demonstrado, os professores enfrentam um desprezo notório do atual governo aos Direitos Humanos⁵ e às populações mais oprimidas.

Compreendendo o conceito de trabalho pedagógico como uma práxis, portanto, como uma ação teleologicamente orientada, é preciso entender a necessidade de o professor analisar

⁴ Aqui a base teórica que fundamenta as análises parte principalmente das elaborações de György Lukács e Dermeval Saviani.

⁵ “Os cadáveres desses jovens estão no colo dos direitos humanos”, afirma Witzel”. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/16/os-cadaveres-desses-jovens-estao-no-colo-do-s-direitos-humanos-afirma-witzel.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2019.

a realidade e desvendar as concretas relações sociais em que está inserido. Nesse específico assunto, compreender o que é o patriarcado e como ele se articula com o capitalismo. Esse conteúdo prático coloca em xeque os acordos que o feminismo liberal faz com o capitalismo que alavanca uma parcela mínima de mulheres, estas já com condições específicas de possibilidade de ascensão social, às esferas de mando do próprio sistema.

Em consequência do dito acima, é preciso problematizar e superar conceitos como o de sororidade, empoderamento, lugar de fala, empreendedorismo, e quais outros que tenham o objetivo de desviar a centralidade da luta anticapitalista. É preciso discutir, por exemplo, o que significa o feminismo que defende o empréstimo de dinheiro às mulheres como mecanismo de empoderamento, deixando essas mulheres submetidas aos exorbitantes juros dos bancos.

No Brasil, a situação da luta feminista é muito singular, tendo em vista que a perspectiva liberal influenciou algumas feministas negras, como a mais famosa delas, a filósofa Djamila Ribeiro, por isso não é tarefa fácil dissociar a importância da luta antirracista da posição conciliatória do feminismo negro liberal. Ao mesmo tempo, em tempos de avanço da extrema direita com ideais fascistas, faz-se necessário construir frente única de ação para superar o momento presente, articulando pautas comuns.

O professor e a professora, na escola, vivem ainda um momento de ataque das correntes influenciadas pelo Projeto Escola sem Partido que querem negar a liberdade de pensamento e de ensino nas salas de aula, impondo um pensamento único à práxis educativa. A tarefa posta não é fácil, mas é possível apontar alguns elementos norteadores dessa práxis pedagógica emancipatória: anticapitalista, compreender a articulação entre patriarcado e capitalismo, superar as ilusões do feminismo liberal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta resultados parciais de estudos que visam contruir trabalho monográfico de conclusão de curso de Pedagogia. De metodologia teórico-bibliográfica, utilizou como método o materialismo histórico que se expressa na compreensão da realidade social como uma articulação cujo momento predominante é a totalidade social para entender o papel do feminismo na luta pela superação do capitalismo.

Construindo essa argumentação, o texto apresenta a tese de que a práxis pedagógica no interior da escola brasileira hodierna pode colaborar com a construção de um feminismo anticapitalista, pois esta é a única forma de superação do patriarcado que exerce uma função social fundamental para a manutenção do capital, subjugando o trabalho de produção e reprodução de seres humanos à lógica de produção da força de trabalho para extração da mais-valia e acúmulo privado de riqueza.

A reconciliação entre feminismo e marxismo possibilita justamente essa superação ideológica e visa conquistar a práxis feminista nesse sentido. Desse modo o trabalho educativo exerce um importante papel ao fomentar esse conhecimento em sala de aula, disputando com o capitalismo inclusive nas vertentes do feminismo que não libertam como o feminismo liberal que tem influenciado até o movimento negro feminista.

A pesquisa em construção visa colaborar com as elaborações científicas sobre o feminismo e a educação, no sentido de fomentar uma educação emancipatória que inclua a luta das mulheres como um fator primordial para a construção de uma sociedade livre do capital, já que a emancipação humana não pode ocorrer sem a emancipação da mulher. O processo educativo é perseguido na tentativa de controle dele porque a burguesia teme o poder de libertação das consciências que ele pode oferecer. Isso coloca em xeque a alienação do capitalismo.

Mesmo não sendo de praxe concluir considerações finais com uma citação, segue um trecho longo e necessário da Autobiografia de Angela Davis⁶ que prova o argumento geral desse artigo sobre o papel da educação e o temor que ela causa nos agentes do capitalismo.

Tivemos uma conversa vigorosa sobre a prisão, seu caso e seus problemas pessoais. Por fim, ela reuniu coragem para pedir que eu explicasse o que era o comunismo. Algumas das outras mulheres começaram a ouvir. Estávamos no fim do corredor; não havia agentes prisionais por perto, mas eu sabia que elas descobririam que estávamos conversando sobre política. A maioria das mulheres pareceu sinceramente interessada, e eu agarrei a oportunidade para dizer a elas que a maior parte do que tinham ouvido sobre comunismo era uma rede de mentiras cuidadosamente tecida. [...] Como era de se esperar, já no dia seguinte me disseram que eu estava prestes a ser transferida para outra parte da prisão. [...] A população que imaginei estar prestes a integrar acabou sendo uma sala de isolamento especial localizada no sexto andar, improvisada às pressas e separada de todos os corredores. [...] Não foi difícil perceber a provável conexão entre o inofensivo debate sobre comunismo que tive com as irmãs, algumas andares acima, e essa transferência repentina e injustificada para a solitária. (DAVIS, 2019, p. 56-57).

⁶ Angela Yvonne Davis é uma professora, militante do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, seu país de nascimento, negra, marxista e intelectual. O trecho citado diz respeito a um dos momentos em que Davis esteve presa pelo governo dos EUA que temia sua militância, bem como todo o movimento negro que se fortalecia no país. Hoje, ela é militante anticárcere, constrói um feminismo antipunitivista e luta em todo o mundo pela liberdade de toda a classe trabalhadora.

Eis o medo do capitalismo diante da educação emancipadora.

REFERÊNCIAS

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. Disponível em:

http://revistaoutubro.com.br/edicoes/04/out4_02.pdf. Acesso em: 23 abr. 2013.

GARCIA; Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

ARRUZA, Cinzia. Rumo a uma “União queer” de marxismo e feminismo?. In: ____.
Feminismo e marxismo: entre casamentos e divórcios. Lisboa: Combate, 2010.

TROTSKI, Leon, 1870-1940. **Trotsky e a luta das mulheres**./ Leon Trotsky. - São Paulo:
Edições Iskra, 2015.

DAVIS, Angela Yvonne. **Uma autobiografia**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo:
Boitempo, 2019.